

**NARRATIVAS DE
MULHERES:
as perdas e o luto**

**NARRATIVES OF WOMEN:
losses and mourning**

**NARRATIVAS DE MUJERES:
pérdidas y duelos**

Luiz Sinésio Silva Neto ¹

Maria de Lourdes Leôncio Macedo ²

Neila Barbosa Osório ³

Wanessa Zavarese Sechim ⁴

Jocyléia Santana dos Santos ^{5, 6}

RESUMO

A presente pesquisa, realizada no período de novembro de 2017 a janeiro de 2018, objetivou conhecer os relatos e vivências de mulheres com as perdas, e

¹ Doutor em Ciências Tecnológicas e Saúde pela Universidade de Brasília, professor do Curso de Mestrado em Educação, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins. Vice coordenador da Universidade da Maturidade. E-mail: luizneto@mail.uft.edu.br.

² Mestre em educação pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá, pós-graduação em História e Sociedade pela UEM. Professora da rede estadual de ensino do Tocantins-SEDUC. E-mail: malutocantins@gmail.com.

³ Doutora em ciências do Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, professora do Curso de Mestrado em Educação, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins. Coordenadora da Universidade da Maturidade. E-mail: neilaosorio@uft.edu.br.

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina, Colatina Espírito Santo, Pós-graduação em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado Filho, é aluna especial no mestrado em educação pela UFT, professora da rede estadual de ensino do Tocantins, Secretária de Educação do Estado do Tocantins-SEDUC. E-mail: wanessazavareseachim@gmail.com.

⁵ Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora e coordenadora do Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com.

⁶ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Tocantins. ALCNO 14 AV. NS 15 – Campus Universitário. CEP: 77020-210 - Palmas, TO – Brasil.

estas, como meio de fortalecimento e reflexão sobre a questão do luto, uma vez que, todas as pessoas passam ou passarão por estas vivências. O público alvo da pesquisa consistiu em seis mulheres com faixa etária entre 25 e 70 anos, a metodologia utilizada foi História Oral Temática. Assim, espera-se que este estudo possa servir de apoio às pessoas que passam, de alguma forma, pelas perdas e pelo luto.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Luto; Perdas; História Oral Temática;

ABSTRACT

The present research, conducted from November 2017 to January 2018, aimed to know the reports and experiences of women with the losses, and these, as a means of strengthening and reflection on the issue of mourning, since all people pass or pass through these experiences. The research target consisted of six women aged between 25 and 70 years, the methodology used was Oral Thematic History. Thus, it is hoped that this study may serve as a support for people who go through, in some way, through loss and mourning.

KEYWORDS: Death; Mourning; Losses; Oral Thematic History;

RESUMEN

La presente investigación, realizada en el período de noviembre de 2017 a enero de 2018, objetivó conocer los relatos y vivencias de mujeres con las pérdidas, y éstas, como medio de fortalecimiento y reflexión sobre la cuestión del luto, una vez que, todas las personas pasan o pasan por estas vivencias. El público objetivo de la investigación consistió en seis mujeres con edades entre 25 y 70 años, la metodología utilizada fue Historia Oral Temática. Así, se espera que este estudio pueda servir de apoyo a las personas que pasan, de alguna forma, por las pérdidas y el duelo.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p776>

PALABRAS CLAVE: Muerte; luto; las pérdidas; Historia Oral Temática;

Recebido em: 29.04.2018. Aceito em: 12.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Introdução

O luto é o resultado de um sofrimento. A dor da perda, o sofrimento e o luto não dizem referência somente em casos de morte, pois o mesmo é vivenciado em vários momentos como nos de perdas e sofrimentos, fracassos e sentimento de perda e até doenças (TABERNA; SOUZA 2014). A perda, a dor, a decepção e a tristeza são sentimentos que enlutam um coração. Este relato de experiência surge de leituras e estudos sobre o luto e vivências com perdas e luto, bem como, de entrevistas realizadas com mulheres que passaram pela experiência da morte e do luto. O luto é “afinal o acontecimento vital mais grave que a maior parte de nós pode experienciar” (PARKES, 1998, p. 44). Sua dor “é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso” (Parkes, 1998, p. 22).

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo conhecer os relatos e vivências de perdas e luto por meio de entrevistas, oportunizando o fortalecimento e a reflexão sobre a questão do luto, uma vez que, todas as pessoas passarão por estas vivências, ou seja, todos os moradores do planeta terra estão sujeitos às situações de morte e de luto. O caminho metodológico utilizado foi a da história oral temática.

Metodologia

A metodologia utilizada neste relato de experiência está embasada na História Oral Temática que, segundo Montysuma (2006), torna o trabalho de campo dinâmico, singular, uma vez que, envolve com muita proximidade, o pesquisador e a pessoa que se dispõe a prestar o relato, de forma que, tal relação fortalece o buscar nas memórias do entrevistado e traz a essência do depoimento para a pesquisa científica.

Para Meihy (2006) a história oral é um recurso de transformação e não apenas um acesso à informação, desse modo, vai além de um método de pesquisa, pois transforma, revigora, oportuniza novo olhar, uma nova compreensão (MEIHY, 2006). Sendo uma janela que deixa ventilar o ar puro do tempo presente e que sem ele não se pode pensar a sociedade e os projetos de melhoria de vida coletiva, com base em saber rigoroso e comprometido. As colocações do autor demonstram que a memória fortalece o tempo presente, uma vez que o entrevistado busca trazer o seu conhecimento do passado para as soluções do presente, ou para o conhecimento específico de determinadas situações, ampliando as possibilidades de atuação da história oral.

Participaram deste relato de experiência seis (06) mulheres entrevistadas com idade entre 28 a 78 anos, todas com histórico de perdas e luto, algumas entrevistadas são acadêmicas da Universidade da Maturidade do campus de Palmas, Tocantins. As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram informadas de que este estudo faz parte de um projeto de pesquisa guarda-chuva submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, sob o nº 016/2014. A entrevista semiestruturada teve um roteiro pré-estabelecido e as entrevistas foram gravadas. O relato de experiência teve como objetivo conhecer as vivências de perdas e luto como meio de fortalecimento e reflexão sobre a questão do luto, uma vez que, todas as pessoas poderão passar por estas vivências.

A morte e o luto

Pensar na morte é algo no mínimo interessante, segundo Boff (2012), a morte sempre suscitou temor pelo desconhecido, pois "é uma experiência absolutamente solitária, não compartilhável: cada um morre sua própria morte.

Embora rodeado de pessoas queridas, todo ser humano parte deste mundo absolutamente só" (BOFF, 2012, p.31).

Segundo Morin (1988) é impossível conhecer o homem sem estudá-lo levando em consideração a morte, pois é na morte que o homem se revela. É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais valioso, são suas ações na vida que demonstram como ele pensa sobre a sua morte.

Assim, por mais que não queiramos falar da morte, negando-a, ela invade a nossa vida cotidianamente, por meio das reportagens dos jornais e dos demais meios de comunicação (SANTOS, 2014). Segundo Santos, quanto mais tentamos negar a morte, mas ela está presente, "como a nos desafiar e a nos dizer, como a esfinge tebana da mitologia grega: Decifra-me ou devoro-te!" (SANTOS, 2014, p.3).

Na descrição de Santos (2014) objetivando conhecer sobre a morte, Ariès (2003, p.20) afirma "não é fácil lidar com a morte, mas ela espera por todos nós... Deixar de pensar na morte não a retarda ou evita. Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e a perceber que ela é uma experiência tão importante e valiosa quanto qualquer outra".

Neste sentido, foram reunidas várias entrevistas sobre as perdas e os lutos de mulheres, seja o luto em relação à morte de entes queridos ou de situações de perdas e sofrimentos que geraram luto nestas mulheres. Para entender as situações de luto a escritora e pesquisadora Sandra Santos lico, portanto, crenças, práticas religiosas e culturais afetam o modo como as pessoas o expressam" (SANTOS, 2014, p.363). A autora acrescenta ainda que, a maneira como as pessoas encaram o sofrimento e o luto é único e como elas vivenciam este é uma situação muito particular e fazem parte do processo de enlutamento.

O luto, segundo Oliveira e Lopes (2008) é a fase da expressão dos sentimentos decorrentes da perda, é uma mistura de sentimentos; é a fase de aprender que a morte deve ser tornada real, a partir do que se torna possível estabelecer novas concepções sobre o mundo, favorecendo novos conhecimentos pessoais.

Na questão do luto, tomando como referência Oliveira e Lopes (2008), os simbolismos estão presentes, um dos quais é a cor. Para algumas sociedades, o branco, o amarelo e o violeta caracterizam a fase; para outras, como a nossa, é o preto que facilita o reconhecimento da perda. Outro simbolismo clássico em nossa sociedade predominantemente católica é o ato religioso, mais comumente representado pela missa de corpo presente e a de sétimo dia.

O luto mostra-se organizado e é conscientemente aceito quando a morte foi tomada como real e o enlutado apresenta disponibilidade para novos investimentos em sua vida, podendo assim manter vivos os sentimentos em relação ao falecido, a que se alia a recuperação da autoestima e da valorização do ego.

O processo de enlutamento⁷ tem um tempo para ser completado e a recuperação da pessoa não pode ser forçada, pois acontece gradualmente e depende de como a pessoa interpreta as situações, podendo durar dias, meses ou até anos. Com base nisto, Santos (2014, p. 364) coloca que:

Com o passar do tempo, as emoções tendem a se tornar menos intensas e a vida começa a seguir em frente. O enlutamento compreende um processo de reconstrução do mundo de significados do indivíduo que foi desafiado pela perda. Os indivíduos que exibem reação normativa de luto conseguem estabelecer sentido na vida e são capazes de assimilar ou de acomodar a perda e, assim, formam e

⁷ Que está de luto; coberto ou vestido de luto; que sofre ou está triste com a morte de alguém; fúnebre; escuro, triste. <http://www.dicionarioinformal.com.br/enlutado/> Acesso em 05/01/2018.

mantêm uma linha de consistência e transição de significado em sua narrativa.

Para ilustrar as colocações de Santos (2004), segue o depoimento de uma entrevistada sobre o que ocorreu com os familiares do falecido senhor Oswaldo Secchin, nas colocações de sua esposa, a senhora Maria de Lurdes. A viúva descreve a homenagem que a família fez tempos após a morte do senhor Oswaldo, afirmando as colocações da citação anterior sobre o enlutamento e a reação da família, bem como o acomodamento e a gratidão pelo tempo de convívio com o falecido.

A morte de meu esposo foi sofrida para mim e para meus filhos, no entanto, fomos gratos pelo convívio e aprendizado que tivemos com ele. Para homenagear o homem bom, esposo e pai, fizemos uma cavalgada, convidamos os familiares, irmãos, sobrinhos, netos, e amigos para a homenagem. Ele era católico e a cavalgada em sua memória nos trouxe um pouco dele naquele momento. Eu muito emocionada realizei a oração do cavaleiro para iniciarmos a cavalgada, pois a oração fala um pouco da relação dele com a natureza e com as pessoas da comunidade, pois sempre foi um homem do campo e andava a cavalo. A emoção e as lembranças tomaram conta de mim no momento que proferi a oração (MARIA DE LURDES, 2017).

Acrescentando, ao relato da senhora Maria de Lurdes (2017), segue a fala de uma das filhas do senhor Oswaldo (falecido), a senhora Rúbia, que demonstra o significado da homenagem efetuada após a morte do pai e sua interpretação do luto:

A morte não é algo simples, no momento parece que vamos morrer junto, mas o tempo passa e o que fica são as grandes coisas que vivemos com a pessoa, neste caso, meu pai. Meu pai foi uma pessoa tão maravilhosa, que não dá para resumir em poucas palavras, que os adjetivos serão insuficientes para descrevê-lo, e definir sua trajetória de vida não é simples, diante do que representou pra todos nós, enquanto pai, amigo, pessoa pública, líder da nossa comunidade católica, advogado das causas familiares, organizador das cavalgadas e das festas, dupla no forró, padrinho de tantos, sempre o primeiro a chegar e o último a sair das festas, caridoso, enfim, um cristão praticante. Agradecemos a Deus pelo prazer de conviver com sua

companhia nesta vida que para ele foi tão intensa. Sua jornada foi um canteiro fértil. Quantas boas obras, quanto amor plantado. Cultivou, como ninguém, as sinceras amizades em todos os lugares por onde andou. Um caminho de retidão, respeito, caridade, trabalho, honestidade. Amou a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Honrou pai, mãe e sua família. E nós somos gratos pelo tempo que viveu conosco, desta forma que vivemos o luto de meu pai (RUBIA, 2017).

As perdas e os lutos irão ocorrer sempre envolvendo os seres em variadas situações, e encaixa-se perfeitamente nestas situações a resiliência, tanto das pessoas para superarem a perda, quanto de enfrentarem o luto. Neste sentido, Solano (2014) discute sobre a resiliência e o luto, destacando que, a resiliência é uma construção que os seres fazem objetivando a superação de situações adversas. Ser resiliente no processo de perda e luto significa o ser humano ter a capacidade de superar aquela adversidade vivenciada. A origem do termo resiliência vem da engenharia, da física e da odontologia, áreas em que o conceito está associado à resistência de materiais (YUNES MAM, 2001). A partir de 1980, a psicologia e a pedagogia utilizaram o conceito e aplicaram no ser humano e suas relações: assim como força/tensão/pressão/ se relacionam com deformação não permanente de materiais, situações de risco/estresse/experiências adversas se relacionam com respostas de adaptação ou ajustamento nos indivíduos e comunidades (SOLANO, 2014).

No sentido de resiliência, a senhora Maria dos Anjos explica como sentiu a morte de sua avó, sendo que seu relato compreende os estudos de Solano (2014) sobre a teoria do apego seguro. Segundo a teoria, ela é formada na relação da mãe com o bebê em que a relação é satisfatoriamente segura, conforme as explicitações:

O resultado será de solidificação de um apego seguro o qual está associado a maior satisfação e bem-estar psicológicos e ao sentir a proximidade do outro com maior naturalidade. Pessoas com estilo de apego seguro possuirão um dos mais fortes fatores de proteção

contra o luto complicado ao longo de suas vidas, ou seja, serão mais resilientes frente às perdas (SOLANO, 2014, p.175).

A entrevistada faz uma linda descrição de como era sua avó, o carinho como era tratada pela mesma, fala de sua origem e da forma que cozinhava e atendia a todos em sua casa. E pontua, com sentimento de saudades e amor, segundo descrição abaixo:

A casa de minha avó era de muita fartura. Minha avó só tinha um defeito, fumava um cigarro de palha, eu detestava este hábito dela. Mas ela era muito boa comigo, carinhosa, amorosa, sempre me dava conselhos e presentes. A casa de minha avó era a única casa que minha mãe me deixava dormir. Recordo-me o dia do velório. A sala da casa era composta de duas portas, uma com saída para um corredor que dava acesso à rua. E a outra porta que adentrava da sala para a venda. Neste dia a venda fechou, as pessoas adentravam na sala pela porta do corredor. Minha avó esta colocada num caixão marrom no meio da sala, na casa dela havia uma TV, objeto raro naquele período. As pessoas entravam, olhavam minha avó, uns choravam, outros comentavam e saíam, eu observava, até meu pai foi ao velório, acho que foi a única vez que vi meu pai num velório, ele nunca gostou de ir. O mais triste foi depois do sepultamento, quando voltamos à casa de minha avó ela não estava mais lá, fazendo aquelas comidinhas deliciosas, dando aqueles abraços gostosos em mim. Eu senti muito a ausência de minha avó, mesmo sendo tão criança, meu coração ficou imensamente triste, choroso (MARIA DOS ANJOS, 2017).

A entrevistada senhora Venecy fala do sofrimento que a morte de sua mãe lhe trouxe, seu pai também já faleceu, mas como o mesmo sofria de epilepsia, vivia sofrendo acidentes por causa da doença e sofria muito com os ferimentos, desse modo, a entrevistada sentiu que sua morte foi um alívio para ele. Contudo, a morte de sua mãe foi carregada de sofrimento, assim como a entrevistada descreve:

Já perdi minha mãe, meu irmão e meu pai. Foi muito sofrimento principalmente a morte de minha mãe. A morte de meu pai não senti tanto, mas a morte de minha mãe, até hoje quando eu falo nela sinto um peso no coração. Eu sei que quem está aqui não deve ficar lamentando, pois os mortos não ficam em paz. Eles ficam aflitos

(espíritos) por saber que estamos sofrendo. Devemos procurar orar, pois alivia o nosso coração, pensar que eles estão bem. Para mim, a oração é o maior remédio para aceitar a separação e a morte de um ente querido e aliviar o sofrimento pelo luto (VENEKY, 2017).

A entrevistada descreve como vivenciou a morte de seu avô:

Meu avô, por mais de uma vez, havia tentado o suicídio, ele demonstrava ter perdido a vontade de viver, sempre visitava o médico, locomovia-se com dificuldades. Ele sempre foi um homem ativo, trabalhador, e a situação nos últimos anos eram de difícil aceitação para ele. Acredito que a morte de meu avô foi o melhor para ele, fizemos tudo que estava ao nosso alcance em termos de atendimento. Superei a perda, pela situação em que ele viveu nos últimos anos (DINA, 2018).

Outrossim, a entrevistada Railda relata seu sentimento em torno da morte de seus familiares e assume não se conformar com a morte de seu pai, pois, revelou não ter superado o luto devido às circunstância de morte. Ele foi assassinado.

Perdi meu pai, minha mãe e minha sogra, Minha sogra eu cuidei dela 12 anos na cama, até ela falecer, perdi um irmão mais velho e cuidei um pouco da minha mãe. As minhas irmãs que moram no Goiás é que cuidaram mais dela, mas na semana que ela morreu fiquei o tempo todo no hospital. Mas de todos eles, a morte do meu pai foi a que mais me marcou, foi uma morte inesperada, ele foi assassinado. Quando a pessoa esta doente e a gente acompanha o sofrimento, e mais aceitável aquela morte. Mas quando é como a do meu pai, a gente não aceita, faz quarenta anos que meu pai morreu, até hoje quando ouço barulho de tiro ou vejo uma arma, mexe comigo, até hoje não superei o trauma de sua morte (RAILDA, 2017).

Neste sentido, Silva (2014, p.77) ressalta que “o luto é um momento delicado em que o sujeito tem como processo principal se readaptar ao mundo, considerando que alguém fundamental não mais fará parte dele”. É um momento que traz sofrimento, sentimento de perda e varia de pessoa para pessoa o tempo de readaptação à nova forma de viver.

Um exemplo é a morte no ciclo familiar, que possui significados diferentes para cada um dos membros, a questão básica: Quem é a figura morta da família? “Nesse sentido o luto é definido como crise porque ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessária de uma única vez e os recursos necessários para lidar com ele”(BROMBERG, 1994, p.57). Segundo a autora, a morte provoca uma demanda sistêmica na família, de ordem emocional e relacional. Discutindo a morte na família Bowen (1991) apresenta o conceito de **onda de choque emocional**, que descreve a sucessão de acontecimentos no seio familiar. Tais sintomas abrangem desde as doenças no âmbito somático e entram na área emocional, podendo chegar a episódios psicóticos.

Desta forma, inevitavelmente, o luto estará presente, faz-se necessário, portanto, discutir a temática de forma a compreendê-la, tornando-a um tema de estudo e análise e não de tabus, já que a morte é certa devemos conhecer mais, pois assim estaremos também nos conhecendo.

Outros lutos

Nascemos, crescemos e progredimos, esta é a lei da existência, no entanto, durante este percurso, a vida nos oportuniza muitos aprendizados e dores, alegrias, sofrimentos, perdas e lutos. Existir é vivenciar tudo isto e dependerá da resiliência de cada pessoa passar de forma tranquila ou sofridora por estas experiências. Ao discutirmos a morte na visão de alguns estudiosos, bem como, tratarmos sobre isto por meio das entrevistadas pensa-se na morte como algo de maior sofrimento, no entanto, a morte pode não ser o sofrimento e a perda de maior quilate. Neste tópico apresentaremos as perdas e os lutos sem foco na morte.

O luto é um processo que pode ser vivido individual ou coletivo, no entanto, cada indivíduo expressará seus sentimentos de forma diferente e suas reações também serão adversas. E, convém ressaltar que, o período de vida que esteja vivendo terá influência sobre o respectivo luto. Sendo que, o luto não está ligado necessariamente à morte de alguém, mas a um sofrimento ou uma perda. Uma pessoa pode passar por um luto quando se dá o término de um relacionamento amoroso, quando um filho vai viver longe dos pais, quando se perde um emprego, quando familiares passam a viver em outro estado ou país, ou também quando sofre um trauma.

Pensar no luto é também trazer a reflexão de Fernando Pessoa que diz: "O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isto existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis". A reflexão pode ser remetida as questões do luto. A descrição da entrevistada Maria dos Anjos demonstra a intensidade da frase de Fernando Pessoa; do luto sem morte que esta mãe vivenciou:

Considero-me uma mãe amorosa, tenho quatro filhos, sempre os eduquei com poucas poses, mas demonstrando responsabilidade, honestidade, e, acima de tudo, uma postura cristã diante da vida. Eu, meu filho caçula, um amigo da família fomos a uma viagem de férias, passados alguns dias na casa de familiares, retornamos para nossa casa. Mas ao retornarmos fomos parados por policiais para averiguação, situação normal. No entanto, para minha surpresa e sofrimento, na bagagem do amigo da família havia dentro de uma meia, 60 gramas de cocaína. Aquilo foi para mim, enquanto mãe uma grande morte, meu filho e o amigo da família ficaram presos, pois a droga era deles, e eu retornei para casa. Fiquei seis meses de luto, sofrendo por vários motivos, onde errei enquanto mãe, a dor de uma traição, carregar drogas no meu carro e ter um filho preso, filho que mereceu, pois cometeu o erro. Mas que para uma mãe, mesmo considerando correta a prisão, é sentir a perda e o luto na profundidade do ser. Este sofrimento e luto me "mataram" pela decepção vivenciada (MARIA DOS ANJOS, 2017).

Na situação vivenciada pela entrevistada é um luto que não está ligado à morte de uma pessoa, mas está imbricada a outros processos de perdas e mudanças intensas na vida que significa uma perda, uma dor profunda. Segundo seu relato, saber que o filho, sem seu consentimento, carregou drogas dentro do carro que pertencia a ela, envolvendo-a de alguma forma, traíndo a confiança da mãe, é também trazer um sofrimento inesquecível. E vivenciar o período de prisão do filho, isto foi para esta mãe, um luto profundo (NETO, 2014; SOLANO, 2014; LUCCHETTI; LUCCHETTI, 2014).

A entrevistada Railda (2017) também relata um intenso sofrimento que foi a separação do marido. “Eu fiquei muito decepcionada, pois meu marido sem nenhuma explicação me deixou, mas estou vivendo a minha vida. Eu não posso parar porque meu marido foi embora, eu sofri, chorei, tentei que ele voltasse, mas não deu certo” (RAILDA, 2017).

Dina (2018) aponta outro momento de sofrimento e luto e afirma “o término de um relacionamento amoroso de longa data me gerou sofrimento e luto, demorei um tempo considerado para entender que foi o melhor, a separação”.

Quem nunca ficou triste ou choroso (a) pela perda de um emprego, pelo fim de um relacionamento, por uma decepção, por uma doença adquirida, por ter que ir morar em outro estado ou cidade, dentre outras situações. O luto deve ser vivenciado, pois é uma situação que poderemos passar na vida, em menor ou maior grau. O luto deve ser entendido como algo natural, não deve ser negado, nem disfarçado. Se permitir chorar, se recolher, assumir a tristeza é fundamental. Da mesma forma, entender que a vida daquele ponto em diante irá mudar, e, após a vivência do luto, a vida poderá mudar para melhor com novo aprendizado, com novas readequações.

Considerações

O relato das experiências vivenciadas por estas seis mulheres aponta o que Schuler (2001, p.196) destaca: “Quando morremos? Na verdade, morremos todos os dias. Morte são também nossas decepções, nossos projetos falidos, nossas ideias abortadas. Morte é tudo que nega a vida”.

Além desta morte, há a morte do corpo físico vivenciada pelos nossos ancestrais todo o tempo da história. E, na atualidade, a morte ainda é vista e tratada como um tabu, este relato, além de demonstrar algumas reflexões sobre a morte, trata também sobre o luto que deve ser vivenciado, que serve de mola propulsora para a continuidade e a valoração da vida.

Para Santos, (2014, p.03) “[...] a pessoa que deseja aumentar o seu conhecimento sobre a morte e o morrer está desembarcando em uma exploração que nada mais é do que uma viagem à descoberta de si mesmo”.

Desta forma, descobrir-se, conhecer-se é o grande papel desta reflexão, a partir dos depoimentos das entrevistadas pode-se se aproximar das situações vivenciadas, do luto e as perdas, sejam pela morte de um ente querido ou pelas vicissitudes da vida, assim, vale a pena vivenciar, curtir o luto, sabendo que poderá sair dele revigorado para a luta da vida, que pode ser finita do corpo e infinita da alma.

Referências

BOFF, Clodovis M. **Escatologia Breve Tratado Teológico-Pastoral**. 1ª. Edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 2012.

BOWEN, M. **Family reaction death**. W.W. Norton & Co. Nova Iorque, 1991.

BROMBERG, Maria Helena P.F. **A psicoterapia em situação de perdas e luto**. Editorial Psy II, 1994.

COSTA, Ricardo da. **A dor da perda: as mulheres e o luto na história.** In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/ Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

LUCCHETTI, Giancarlo; LUCCHETTI, Alessandra L. G. **Luto e Espiritualidade.** In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História.** Nº 155, 2ª – 2006.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte.** Lisboa: publicações Europa América, 2ª edição, 1988.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. **Um encontro com as fontes em História Oral.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, vol. XXXII, nº01, p.117-125, junho 2006.

NETO, Florência Reverendo Anton. **Perdas e Luto: Uma experiência a trabalhar no contexto do Educador.** In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

OLIVEIRA, João B. A de; LOPES, Ruth G. da C. O processo de luto no idoso pela morte do cônjuge e filho. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus, 1998.

SANTOS, Franklin Santana. **Perspectivas Histórico-culturais da Morte.** In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SANTOS, Sandra Regina Borges dos. **A Terapia do Luto.** In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SILVA, Adriana Cardoso de Oliveira e. **Conceituando o Luto**. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SOLANO, João Pedro Consentino. **Luto e Resiliência**. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos. Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SCHULER, D. **Heráclito e seu (dis)curso**. Porto Alegre: LEPM, 2001.

TAVERNA, Gelson; SOUZA, Waldir. **O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento**. Caderno Teológico da PUCPR, CURITIBA, vol.02, nº.1, P.38 - 55, 2014.

YUNES MAM, Szymanski H. **Resiliência**: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. Editor Resiliência e Educação. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 2001.

Entrevistadas

DINA TAVARES, entrevista concedida a Maria de Lourdes Macedo, em janeiro de 2018, Palmas, Tocantins.

MARIA DE LURDES ZAVARESE, entrevista concedida a Wanessa Z. Sechim, em dezembro de 2017, Nova Venécia, Espírito Santo.

MARIA DOS ANJOS LEONCIO, entrevista concedida a Maria de Lourdes Macedo, em dezembro de 2017, Palmas, Tocantins.

RAILDA DIVINA DOS SANTOS, entrevista concedida a Maria de Lourdes Macedo, em dezembro de 2017, Palmas, Tocantins.

RUBIA ZAVARISE SECCHIN, entrevista concedida a Wanessa Z. Sechim, em dezembro de 2017, Nova Venécia, Espírito Santo.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p776>

VENECY PEREIRA DOS SANTOS, entrevista concedida a Maria de Lourdes Macedo, em dezembro de 2017, Palmas, Tocantins.